

A educação é a arte do amor

Joaquim Azevedo

Fátima, 15 de março de 2014.

Colégio Luso-Francês, 4 de março de 2015.

“O amor é o fundamento da verdadeira educação”

Ellen G. White (1997)

“A educação é um ato de amor”

“Não se pode falar de educação sem amor”

Paulo Freire (1921-1997)

“O amor é o eterno fundamento da educação”

Pestalozzi (1746-1827)

“O ser humano é feito para amar e sem amor não pode viver”

(CPJP, nº223).

Introdução

Nesta comunicação pretendo discutir o sentido antropológico mais profundo da educação escolar e, aí sustentado, defender a seguinte tese: a educação, incluindo a educação escolar, é uma arte amorosa, praticada no encontro entre duas liberdades e espelho de uma dádiva que a sociedade valoriza e deseja e que os professores concretizam e empreendem com cada uma e cada um dos seus alunos. Ninguém pode tomar o lugar de ninguém nesta resposta, no dom que se dá e no exercício da autonomia e da responsabilidade. Todavia, o sistema escolar está profundamente marcado também pelo modelo fabril e conformador, que gera passividade e promove a acomodação e o conformismo. Pedem-se e põem-se em prática políticas de reforço deste modelo, de que se destacam os exames externos e nacionais.

Ora, estas políticas dão exatamente o sinal contrário do tipo de educação escolar de que a sociedade e os seres humanos de hoje mais precisam: uma educação que promova os saberes essenciais e a autonomia, a capacidade de maravilhamento com a verdade, a beleza e o bem, as competências de curiosidade e persistência, capacidade crítica e criativa, saber pensar e saber viver juntos.

Por isso, ou a escola muda de rumo, em termos de investimento na formação humana dos seus alunos, em cooperação com as famílias, ou a sua irrelevância será crescente, transformando-se progressivamente num irrelevante e imenso ATL escolar.

Não podemos adiar o coração

O escritor Valter Hugo Mãe dizia numa crónica no Jornal de Letras, em setembro de 2012:

"Quantas vezes me senti outro depois de uma aula brilhante. Punha-me a caminho de casa como se tivesse crescido um palmo inteiro durante cinquenta minutos. Como se fosse muito mais gente. Cheio de um orgulho comovido por haver tantos assuntos incríveis para se discutir e por merecer que alguém os discutisse comigo. Houve um dia, numa aula de história do sétimo ano, em que falámos das estátuas da Roma antiga. Respondi à professora, uma

gorduchinha toda contente e que me deixava contente também, que eram os olhos que induziam a sensação de vida às figuras de pedra. A senhora regozijou. Disse que eu estava muito certo. Iluminei-me todo, não por ter sido o mais rápido a descortinar aquela solução, mas porque tínhamos visto imagens das estátuas mais deslumbrantes do mundo e eu estava esmagado de beleza. Quando me elogiou a resposta, a minha professora contente apenas me premiou a maravilha que era, na verdade, a capacidade de induzir maravilha que ela própria tinha. Estávamos, naquela sala de aula, ao menos nós os dois, felizes. Profundamente felizes. Talvez estas coisas só tenham uma importância nostálgica do tempo da meninice, mas é verdade que quando estive em Florença me doíam os olhos diante das estátuas que vira em reproduções no sétimo ano da escola. E o meu coração galopava como se estivesse a cumprir uma sedução antiga, um amor que começara muito antigamente, se não inteiramente criado por uma professora, sem dúvida que potenciado e acarinhado por uma professora. Todo o amor que nos oferecem ou potenciam é a mais preciosa dádiva possível."

Jornal de Letras, 19 Setembro de 2012

Tenho-me interrogado acerca do que querem dizer estes pensadores da educação da última hora, que chegam ao campo da educação escolar por interesses políticos ou económicos, para insistirem tanto em nos avisar: educação é igual a rigor e exigência, ou seja, a muitas normas disciplinares na escola e na sala de aula e a muitos testes e mais exames. As suas principais políticas traduzem-se em rever o "estatuto disciplinar dos alunos", não por acaso a peça normativa mais vezes mudada nos últimos vinte anos, e em criar exames e mais exames, internos, externos e nacionais, estendidos por aí abaixo, até ao 4º ano de escolaridade (e, não há-de faltar muito, no fim da educação pré-escolar!). Mais normas disciplinares e mais exames, em sua opinião, é equivalente a mais qualidade na educação. Mas, será? Procedemos a revisões contínuas do "estatuto disciplinar do aluno" e temos exames nacionais no 12º ano, desde 1993, acrescidos de mais exames no 9º, no 6º e no 4º anos, alguns deles realizados há vários anos. Já possuímos várias séries, colorimos gráficos com curvas que percorrem dez-quinze-quase vinte anos e, não sei porquê, as curvas que já há muito deveriam estar a subir, não sobem (pois é, a crise já chegou às curvas dos gráficos!).

O que é que melhorou na qualidade do ensino e da educação? Não dizemos que os resultados pouco têm melhorado e que alguns até têm piorado? Que quererão afinal dizer aqueles que nos dizem repetidamente que a falta de qualidade do nosso sistema de ensino assenta na falta de adequados estatutos disciplinares dos alunos e na falta de exames? Saberão eles quantos testes faz um aluno português, atualmente, ao longo do ensino básico? Saberão eles quantos exames de preparação para exame fazem agora os alunos do ensino básico e do ensino secundário?

Bom, num tempo em que andamos tão baralhados e desorientados, é mister colocarmos estas questões em cima da mesa. A história diz-nos que, nos tempos de maior perplexidade cultural, em que a história muda à frente dos nossos olhos e debaixo dos nossos pés, em que o futuro parece vir a conter pouco do passado, há geralmente três invariantes que dominam: os profetas da desgraça, que nos repetem que tudo está mal e vai ficar pior, os arautos do regresso ao passado, que nos dizem que "boa, boa era a escola de antigamente", e os defensores da fuga para a frente, que nos dizem que

devemos é fazer exames a toda a hora e minuto, que “assim é que vamos lá”. Pois o que vos proponho é um quarto caminho, o de (des)conversarmos um pouco sobre o assunto, já que conversar é o melhor instrumento cultural de que a humanidade dispõe para esconjurar o medo e construir um dia-a-dia melhor.

Assim como passou a ser quase obrigatório, em qualquer debate e conversa sobre o ensino, falar da hiper-relevância dos exames, simultaneamente é quase proibido ou pelo menos politicamente muito incorreto, falar da educação como um ato de amor. Podemos falar da educação como “estratégias de aprendizagem”, como “competências a adquirir”, “metas a atingir”, “mínimos a alcançar”, podemos até falar do ensino como modalidades de avaliação, enquanto “públicos-alvo”, como gestão de recursos e de tecnologias, podemos falar da educação enquanto taxas de retenção e de abandono, da meta dos 40% com nível superior, entre a população de 30 a 34 anos, da meta do máximo de 15% de fraco aproveitamento a leitura, matemática e ciências, na avaliação externa do PISA, ou seja, podemos e até devemos usar a linguagem militar, a das estratégias de guerra, que isso não faz mal, podemos até usar a quase só a linguagem dos números e dos indicadores económicos, que ficará sempre bem; pois é, mas o que não fica nada bem é falar da educação e do amor **assim, juntos**. Nem juntos como casamento, nem sequer como união de facto. É proibido, ponto final. De facto, tornou-se exotérico falar em simultâneo da educação e do amor. E aquilo de que não se fala é porque não se valoriza; se não aparece - o amor ao lado da educação e a educação ao lado do amor - esquece.

No nosso quotidiano, quando se fala de educação deve falar-se invariavelmente é de (in)disciplina e de mais disciplina, de taxas, de exigência, de esforço, de testes, de exames, já que fica um pouco mal falar em usar de novo a palmatória, fica demasiado retro.

Pois é, mas, como diz António Ramos Rosa:

*Não posso adiar o amor para outro século
não posso
ainda que o grito sufoque na garganta
ainda que o ódio estale e crepite e arda
sob montanhas cinzentas
e montanhas cinzentas*

*Não posso adiar este abraço
(...)*

*Não posso adiar
ainda que a noite pese séculos sobre as costas
e a aurora indecisa demore
não posso adiar para outro século a minha vida
nem o meu amor*

nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração”

Pois é, erguemos em redor do ato de ensinar e de aprender um enorme muro de discursos, teorias, estratégias, tecnologias e até de lamentações; fala-se mais da crise da educação e da escola do que em qualquer benefício da escola e da educação. A escola é publicamente apelidada de indigna, criminosa, estúpida, violenta¹. Os jornais e as televisões investem horas e horas a falar e a deixar falar, a dar o palco, a pessoas que apenas dizem mal da educação que temos, sem sequer lhes pedirem algo de propositivo ou de positivo. Os professores deixam geralmente o palco a outros atores e ocupam-no eles próprios sobretudo quando há questões salariais e de carreira em jogo. E nós vamos alinhando nesta construção social de retóricas educacionais desgraçadas sem sequer tentarmos introduzir outras, baseadas no nosso labor diário, nas evidências que resultam dos nossos insucessos e sucessos. E, em vez de abriremos o jogo, construímos muros à nossa volta, seja para defesa do que já temos seja para defesa diante daquilo que desconhecemos. Quem não espera, desespera, digo eu. Ora, estes muros de protecção, como diz Manuela Gama, falando dos professores e das escolas, são a nossa morte².

Percursos de personalização

Não me canso de repetir que a educação não pode ser entendida como uma empregada da economia ou estar submetida a qualquer outra funcionalidade externa do mesmo teor.

A pessoa humana, cada pessoa, está no centro da educação e de toda a actividade humana: em cada aluno, em cada profissional, em cada idoso com que deparamos, mora sempre uma pessoa única, com uma dignidade inalienável e inviolável, que está acima e antes de qualquer enquadramento institucional ou função social.

A educação é essa “arte” de promover o desenvolvimento humano de cada pessoa, que só se *des-envolve* verdadeiramente na medida em que o outro a acolhe e lhe dá em si um lugar; o outro, a começar pelos pais, *des-oculta-me* solidariamente, convocando-me a libertar e exprimir toda a humanidade indizível que me habita.

O ser humano para ser o que é, para se completar, desde que nasce, só por amor o conseguirá alcançar. É sujeito de amor, é fruto de amor, é dom do amor, e só cresceu e cresce e crescerá se houver quem puxe os fios do seu novelo, se for amado, desde a família, aos adultos com quem vive, à escola e aos grupos de pares. Só se cresce no amor.

Por isso, a educação escolar e social³ não se traduz apenas nem sobretudo em percursos de socialização e de formação para o exercício de uma cidadania

¹ Cfr. posição de Maria Filomena Mónica nos seus novos livros sobre a escola portuguesa.

² Manuela Gama, texto publicado em 2014, no facebook, católica porto.

³ Usamos os termos educação escolar (a que se refere ao sistema de educação pré-escolar e ao sistema de ensino de todos os tipos, desde que realizada no contexto escolar, com programas de estudo, perfis

responsável, traduz-se antes e acima disso em **percursos de personalização**, de irrupção de cada um no confronto livre com a verdade, o bem e a beleza, com os saberes codificados e com os outros saberes, em relações de dádiva e em dinâmicas sociais de interdependência, de cooperação e de liberdade, de busca incessante da verdade e de abertura à dimensão transcendente do ser humano.

Os “alunos”, todas as pessoas que aprendem, desde crianças até às idades mais avançadas, não são peças de uma qualquer máquina educacional, sujeitas às regras da competição, objetos de mercado e sujeitos de consumo, são seres humanos únicos que devem merecer, na escola, o maior acolhimento e a melhor hospitalidade, no respeito pela sua singularidade e segundo dinâmicas singulares de personalização e de sociabilidade.

Por isto, o que distingue um bom professor não é a arrogância do seu saber e da sua autoridade, é a humildade. É a autoridade da humildade. De facto, aquilo a que somos chamados, em educação, é ao respeito, a inclinar a nossa cabeça e cuidar de cada vida humana que diante de nós está apta a desabrochar; e com a enorme humildade para reconhecer que quando chegamos junto do outro, aqui qualquer aluna ou aluno, chegamos sempre atrasados; quando lá chegamos já a sua interioridade se expandiu em estrelas, planetas e constelações, dramas e conflitos, histórias e sonhos, que devemos acolher e que são, aliás, maravilhosas fontes de aprendizagem para nós, educadores.

A educação escolar arrogante é aquela que não renega os preconceitos étnicos, de classe e de género, e os deixa inquinhar as salas de aula,

a educação arrogante é a que considera que os professores instruem e os pais educam, como se fosse possível instruir sem educar e sem amor, como se fosse possível os educadores não terem de cooperar pela melhor educação possível,

a educação arrogante é a que se define sobretudo pelos exames e pelos resultados académicos, como se fosse possível cada aluna ou aluno crescer só na cabeça, sem envolver o resto do corpo, as mãos e o coração,

a educação arrogante é aquela que obriga todos alunos a realizarem os mesmos exames, mesmo tendo realizado percursos escolares diferentes, elegendo uns certos saberes e competências contra os outros,

a educação arrogante é aquela que se organiza para avaliar como se isso fosse classificar e não cuida nem do fazer-aprender, nem do aprender-a-ser, nem do aprender a viver juntos,

a educação arrogante é aquela que exclui, que limpa o terreno retirando das turmas e das escolas os meninos indisciplinados, enviando-os para respostas curriculares pobres ou para nenhures,

a educação arrogante é a que usa o grito em vez do sopro,

a educação arrogante é aquela que sabe que detém a grande maioria do “tempo social” de cada cidadão, entre os 3 e os 18-21 anos, e faz de conta que o seu desenvolvimento humano não diz respeito à escola, ...

É caso para nos colocarmos a pergunta (de Evelyne Martini): a escola tem um coração? Qual é o coração da nossa escola?

de docentes pré-definidos, avaliação, certificação e diploma escolar) e educação social (todas as modalidades de educação realizadas nos contextos sociais mais heterogéneos, sem características escolares, a começar pela família) para não cair na cilada de caracterizar algum tipo de educação com o prefixo “não” (p.ex. não-escolar, não-formal, etc.). A educação, por definição, não se pode definir, à partida, com um não.

A imparável irrelevância da escola atual

O resultado de tanta arrogância é um autoritarismo balofa e inconsequente, é uma máquina gigantesca e infernal de débito verbal e conceptual do conhecimento codificado, é uma fábrica com linhas de montagem em salas de aula, é a desvalorização do outro e a promoção do abandono escolar precoce, é, cada vez mais, a transformação da educação escolar em mais um shopping, onde se consomem aulas “porque tem de ser”, onde se sobrevive pelos mínimos “porque os meus pais me obrigam”, o resultado de tanta arrogância é a progressiva e imparável irrelevância da escola, após o período a que se chama internacionalmente a “educação da infância”, os 0-11 anos.

Caros professores, a educação, em cada momento, seja em contexto escolar ou social, é sempre uma relação, o encontro entre duas liberdades, duas liberdades que se olham face a face, olhos nos olhos. A experiência deste encontro é profundamente libertadora, mas não deixa de significar sempre exposição, vulnerabilidade e risco - a subjectividade é tocada ao seu nível mais íntimo - (Baptista, 2006)⁴, o que nos remete para uma ética do cuidado, para uma redobrada atenção face à manipulação do outro, sujeito de uma vida interior, e que reclama uma resposta. Ninguém pode tomar o lugar de ninguém nesta resposta, no dom que se dá e no exercício da responsabilidade.

No cerne da educação e da participação cidadã deve estar a garantia de acolhimento e reconhecimento da significação original testemunhada por cada rosto singular, cada pessoa, no “respeito pelo segredo interior” (ibidem).

Na sua carta aos cidadãos de Roma (2008)⁵, Bento XVI lembrou que “ a relação educativa é, antes de mais, o encontro entre duas liberdades e a educação conseguida é uma formação para o reto uso da liberdade.” E remata: “só uma esperança credível pode ser a alma da educação, como de toda a vida.”

Toda a educação “pressupõe e envolve sempre uma determinada concepção do homem e da vida”(CEC,1997, nº10)⁶ e deve manter “como centro a pessoa na sua identidade global, transcendental e histórica. A escola prossegue como missão a “promoção do homem pessoa” e não se pode deixar orientar primordialmente por quaisquer outras finalidades. O sentido da vida implica o reconhecimento que nos vem dos outros e que nos faz viver e, por outro lado, o reconhecimento graças ao qual os outros se sentem por nós reconhecidos na sua dignidade.

Hilde Domin (1909 -2006), poeta alemã, fala desta “densidade antropológica” no seu poema “Tu existes”⁷

*O teu lugar é
onde olhos te olham.
Tu nascas
onde olhos se encontram.*

*Suspensa por um chamar,
sempre a mesma voz,*

⁴ Isabel Baptista, “Para uma pedagogia da proximidade humana. A educação no coração das comunidades”, Chaves, 2006.

⁵ Bento XVI, Carta à Diocese de Roma, 21 de Janeiro de 2008.

⁶ Congregação da Educação Católica, “A escola católica no limiar do terceiro milénio”, 28 de Dezembro de 1997.

⁷ In “Estende a mão ao milagre”, Editora Cosmorama, Porto, 2006

*parece haver só uma
com que todos chamam.*

*Caías,
Mas não caís.
Olhos te prendem.*

*Tu existes
porque olhos te querem,
olham-te e dizem
que tu existes.*

Ensinar é, pois, um ato de amor, uma arte tecida com os fios do amor, do cuidado, da ternura. Não tenhamos medo de o dizer e proclamar, nem tenhamos medo de o celebrar. Não há educação sem amor, sem amor não há educação. Pode haver adestramento, violência institucionalmente assistida, domesticação travestida de causa nobre, mas não há educação, porque o *des-envolvimento* não se dá. Quem não é capaz de amar estes seres muito incompletos e em crescimento, que somos nós todos, não pode ser professor, porque quem não ama não chega sequer a compreender o que de sério e profundo se passa numa sala de aula e numa escola.

Não é fácil, eu sei-o bem. Mas as dificuldades não nos condenam nem a virar profetas da desgraça, nem a ficar a olhar para o passado dito heróico, nem a virar a cara para o lado e fugir do presente, diante das crianças e dos jovens que as famílias e as escolas colocam diante de nós.

A educação escolar é pois essa arte amorosa e, por isso, performativa, prática, de criação das condições para fazer emergir o *des-envolvimento* humano de cada pessoa-aluno, seja em confronto com o saber codificado que a escola tem por missão não apenas transmitir-lhe mas também fazer com que ela o apreenda, seja em confronto com os adultos, os colegas, os funcionários, as regras instituídas e as sanções conhecidas. Um poderosa arte amorosa!

Sem amor, as crianças e os jovens não crescem bem, por isso é preciso proclamar que a ternura é um bem escolar essencial, que os bens relacionais são um poderoso recurso educacional das nossas escolas, muito mais importante que os físicos e financeiros. Temos diante de nós o grandioso desafio de ajudar o *des-envolvimento* de gente nova, rija e corajosa, crítica e criativa, com princípios e valores, apta a dar-se e a gerar nova vida, reconhecendo que o mundo de hoje não está um lugar fácil para se crescer e onde desabrochar, há imensas escolhas a fazer a toda a hora, e...só pelo amor poderemos chegar ao coração dos que crescem para que cresçam bem, com ânimo e com esperança (porque crescem nesse caldo muito exigente do amor).

Em pedagogia não há como fazer a economia do “fazer”, já que ele é a fonte do “dizer”, como lembra Houssaye (2004). O pedagogo e a pedagogia são humanas, muito humanas, são até escandalosamente humanas! Elas vivem, mais do que dos sucessos, dos fracassos, do fracasso que se gera entre o fazer e o dizer, do fracasso permanente inscrito no não conseguido nas aprendizagens a realizar, fracassos que exigem a nossa ponderação e reflexão, fracasso que nos leva a retomar o caminho e a voltar a tentar alcançar os objetivos.

O contexto social e a crise de confiança na vida

Vivemos tempos de grandes mudanças socioculturais. Filósofos e sociólogos apontam para a emergência da sociedade de “risco” (Beck), da sociedade “líquida” (Bauman), da era do vazio (Lipovetsky), da sociedade “invisível” (Innerarity), da sociedade do “conhecimento” (Carneiro). O contexto social hodierno não podia ser mais interrogador, inquietante e aberto. Há uma forte tendência para os cientistas do social assinalarem algumas tendências marcantes: as mudanças de paradigmas, que se seguem a mutações tanto de valores de referência como de tecnologias, tantas vezes deixando a dignidade do ser humano seriamente ameaçada; a aceleração da indeterminação do presente e a crescente imprevisibilidade acerca dos dias que se avizinham minam a confiança mútua e face às instituições existentes; a persistência das desigualdades sociais no mundo e, em muitos casos, das gritantes injustiças sociais e da fome; a sobre-informação e, ao mesmo tempo, a crescente dificuldade que as pessoas sentem em saberem o que se passa; o estilhaçamento das referências locais, de vizinhança e comunidade, as perdas progressivas das referências territoriais nacionais, a globalização económica e sociocultural; o aumento das redes de pertença e o surgimento da nova sociedade reticular, com imensas potencialidades de criar novas proximidades, sem centros muito definidos; a transformação da política numa representação e em jogos complexos de sedução, em que tende a vencer a melhor encenação em vez do bom debate e da escolha da melhor proposta; o alargamento da insegurança e do medo junto de todos os cidadãos, que faz disparar a procura de múltiplas e tantas vezes irrefletidas fontes de segurança, além de reforçar comportamentos individualistas e de gerarem as “comunidades fortaleza”, ensimesmadas e sustentadas na segregação pessoal e social; a constatação, um pouco desesperada ou pelo menos impotente, acerca da desorientação face ao futuro, que deixou de ser aquilo para que tinha sido projetado; as mudanças profundas no trabalho, fruto tanto de constantes alterações técnicas como da sobredeterminação de uma lógica “eficientista”, determinada pelo desejo de enriquecimento galopante de uma minoria; as alterações profundas nas profissões e a precariedade dos vínculos laborais, o desemprego de grandes franjas da população e o subemprego de muitas outras; o surgimento de novas formas de pobreza e de exclusão social.

Todos estes sinais que prendem, uns mais que outros, a nossa atenção, suscitam desesperança e ânimo, desencadeiam tanto a vontade de uns em ficar cada vez mais ensimesmados, em protetoras “comunidades de mesmidade” (Z. Bauman), como a disponibilidade de outros para construir uma sociedade de rosto solidário e justo, pois um futuro assim tão aberto retira-nos da frente dos olhos as supostas fatalidades de muitas narrativas ditas libertadoras com que nos ameaçavam no passado e com que nos continuam a ameaçar no presente. A liberdade é imensa, o difícil é e será exercê-la de modo autónomo, responsável, livre e solidário.

O “esforço a favor da construção de uma comunidade justa e solidária”, para retomar as palavras de Bento XVI, é mais necessário que nunca e requer da educação familiar e escolar uma atenção permanente e focada no essencial. Além disso, tanto a educação escolar como a educação familiar e social, em geral, têm um papel central nas sociedades de hoje, pela possibilidade e oportunidade que

representam de favorecer este desenvolvimento humano personalizado de todos e de cada um, ao longo de toda a vida e com a vida.

Aos cidadãos da cidade de Roma (e das nossas cidades) Bento XVI dizia ainda: “Educar nunca foi fácil e, hoje, parece ser cada vez mais difícil. Fala-se, por isso, de uma grande “emergência educativa”. E mais adiante: “Na raiz da crise da educação encontra-se, de facto, uma crise de confiança na vida.”

As políticas e as reformas educativas têm contribuído, muitas vezes, para uma “fragmentação da educação” e para um “ofuscamento perigoso do conteúdo” da educação e dos seus valores, que se traduz num adormecimento da escola “num presumível neutralismo”, o que enfraquece o potencial educativo e “se reflete negativamente sobre a formação dos alunos”(ibidem). Bento XVI reafirma isto mesmo através de uma questão: “Concebendo o homem de maneira individualista, segundo a tendência atual, como é que se poderá justificar o esforço a favor da construção de uma comunidade justa e solidária?”⁸.

A recusa de toda a instrumentalização da educação

A educação, na realidade, tem estado a ser remetida para um grave reducionismo epistemológico que a tem conduzido a um esvaziamento ontológico e axiológico, que vai subtraindo aos gigantescos investimentos feitos pelos Estados, pelas Igrejas e pelas mais diversas instituições sociais grande parte das suas potencialidades e esperanças.

A educação autêntica é a educação da pessoa, devendo por isso ser rejeitada pelas sociedades toda a educação que tome o ser humano como objecto, que promova a alienação do ser humano, o egoísmo e a competição desenfreada, afastando-se do ideário e das práticas de exercício da solidariedade e da fraternidade entre todos os seres humanos (CEP, 2008, 5)⁹.

Por isso, a racionalização instrumental, económica e técnico-funcionalista não pode constituir o principal referencial de desenvolvimento da educação escolar, apesar da força e até da violência com que essa racionalização nos é imposta. Todo o funcionalismo da educação é um conformismo e uma grave redução do sentido da educação humana.

É tão preocupante o simplismo da corrente cultural atualmente dominante, no que se refere às políticas públicas de educação escolar, que todos os dias assinala à escola tarefas e mais tarefas de servidão face à economia, à produtividade e à competitividade, estas sim as grandes palavras-chave dos referenciais públicos do presente e do futuro da educação (basta ler os preâmbulos e as fundamentações políticas das leis e dos investimentos estatais em educação e formação). Digo-vos uma coisa: quando a escola servir 100% este objectivo, esquecendo os outros, ou porque não são urgentes ou porque não estão na moda, a escola não servirá para nada, será um conjunto vazio, a inutilidade muito bem institucionalizada e por todos frequentada.

Hoje, a inteligência do ser humano e a sua capacidade criativa, como fontes inesgotáveis de recursos, não param de nos surpreender, colocando em máquinas e todo o tipo de aparelhos sofisticados, aquilo que a escola diz que tem de depositar na cabeça das crianças e dos jovens, obrigatoriamente, numa obrigatoriedade que se prolonga por 12 longos anos! Porém, como quase todo o

⁸ Bento XVI, Discurso aos Bispos da Eslovénia, 24 de Janeiro de 2008.

⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral “A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana”, 2008.

conhecimento codificado em breve estará nas máquinas e acessível, como o imparável desenvolvimento da inteligência artificial e da robotização, para quê insistirmos em 12 anos de educação escolar obrigatória? Para socializar, dirão! E admitimos que dentro de 20 ou 30 anos haverá quem afete anualmente 7 mil milhões de euros dos nossos tão magros recursos apenas para socializar as crianças? Um bom ATL cumprirá bem essas funções. A pedagogia, hoje já tão maltratada, será esquecida por falta de aplicação prática e a escola será um imenso parque de entretenimento, cheio de sofisticados e incríveis jogos de todo o tipo, repleta de gadgets electrónicos e até de testes electrónicos, seja porque as crianças e os jovens (cada vez mais infantilizados) é para isso que são estimulados, em casa, nos media e na rua, seja porque não podem ir tão cedo para o mercado de trabalho ou ainda porque não haverá nunca mais os empregos que antes existiram, pois muito poucos farão o que agora ainda fazem muitos.

Não, parece que não estamos a perceber bem o que se está a passar diante dos nossos olhos, que muito bem olhamos mas parece que não vemos. Se não me fiz entender, explico-me então de outro modo ainda.

O que nos aflige, hoje, o que nos deixa inquietos na sociedade de hoje, é o facto de haver muitos licenciados ou é o facto de estes não serem responsáveis, autónomos, honestos ou serem incapazes de viver dignamente, de respeitarem os outros seres humanos como seres de dignidade inviolável? O que nos aflige mais: a falta de engenheiros ou os engenheiros-acéfalos que conduzem as nossas comunidades e paisagens para o caos ecológico? O que nos aflige mais: a falta de economistas ou as desigualdades que crescem, o galope selvagem de um capitalismo financeiro sem controlo político, a penalização dos pobres e a proliferação desenfreada de uma “economia que mata”, como diz o Papa Francisco? Angustia-nos a falta de licenciados em urbanismo e arquitetura ou uma cidade em que não se transita e onde se torna irrespirável viver, fechados em cubículos incomunicáveis, a poucos quilómetros de imensos e belos lugares rurais abandonados?

Ou ainda vos explico o mesmo ponto por outro caminho: o que marca realmente um aluno? O que é que nos marcou na escola que frequentamos durante tantos anos?

Ou seja, porque é que a “formação humana” dos alunos fica sempre para depois? Claro que fica e por razões muito fortes e muitíssimo eloquentes. Enumero algumas, que nesta hora bailam nas vossas mentes:

-porque escola é escola, ou seja, é o templo da transmissão dos conhecimentos codificados, que tanto custaram à humanidade acumular ao longo de tantos séculos;

-porque a escola é para instruir e não é para educar;

-porque, é bom de ver, temos de cumprir os programas e há exames nacionais para verificar se o fazemos bem, não há tempo para mais nada;

-porque os pais preferem ter os seus filhos nas escolas que ficam nos melhores lugares nos *rankings* e essas são as que melhor preparam os alunos para os exames nacionais;

-porque não podemos misturar o emocional e o pessoal com um ambiente escolar exigente, de trabalho, que tem de ser um ambiente de esforço permanente, de colocação de barreiras e da sua superação;

-porque quem educa as crianças e os jovens são os pais e a escola não é uma família;

-porque a sociedade, os media e os políticos fazem o que têm a fazer para a educação cívica dos cidadãos e a escola existe apenas para instruir;

-porque a IGE vem cá e vai dizer que ensinamos o que não podemos...

-porque e porque...

Os alibis são tantos! Eu tenho lá em casa uma parede forrada com listas imensas de alibis, tanto dos diretores e dos professores, como das escolas para, muito simplesmente, não fazerem o que devem fazer.

Se é verdade que tudo fazemos e todo o tempo dedicamos a ensinar bem os programas e a preparar bem os alunos para os exames, se somos assim tão focados nisso, porque é que eles não são bons nisso? Porque é que os resultados são tão fracos? Não pensamos nisso? Porque é que fracassamos tão escandalosamente? Será porque o ADN dos portugueses tem, nas suas elipses, algumas falhas a Matemática ou a Física ou a Português? Ou é mesmo um problema nosso, dos professores e das escolas?

O servilismo da educação e das escolas a estes e a outros funcionalismos constitui uma pesada mó de moinho atada aos seus pergaminhos e que as puxam para o fundo do mar!

Onde está a liberdade, o que fizemos da nossa liberdade?

Só o amor nos tornará livres!

A formação de pessoas, por pessoas, para serem todos mais pessoas

No exercício da minha atividade profissional, as instituições que mais frequento são escolas e algumas delas, felizmente, são escolas católicas. São, em geral, instituições atentas, à procura, apesar de algumas viverem muito ensimesmadas e preocupadas com o seu presente e o seu futuro, como se sozinhas pudessem encontrar novos rumos de qualidade.

Mas, o que mais me entristece é ver estas escolas tão preocupadas com os investimentos em livros de ponto electrónicos e quadros interativos e tão pouco em fazer com que os seus alunos sejam mais pessoas, eles próprios, mais autónomos no seu trabalho e mais responsáveis!

Como é desanimador ver meter tanta tecnologia para cima das crianças e das salas de aula, sem cuidarmos dos alunos como pessoas, da sua capacidade em cooperar e em serem solidários!

Como é triste ver as escolas a entrarem tão doce e acriticamente na vertigem do consumo, fazendo das escolas uns quase aulários, levando a que as crianças e jovens consumam a escola como consomem outra coisa qualquer? Como é triste ver as escolas a reproduzirem o modelo fabril e fordista da produção, agora que este modelo já foi substituído nas empresas, em vez de cuidarem do exercício da sua capacidade crítica e da sua criatividade!

E... se as escolas fossem esses lugares de travagem, de paragem, de silêncio, um ambiente cultivado por todos, com as respetivas corresponsabilidades da parte de cada um?

E se investissemos a perceber como é que os seres humanos que estão nas nossas escolas, em formação, se tornam seres de contemplação, reflexivos, capazes de aprender, de criticar, de estar perto do outro, de respeitar, de reconhecer e de perdoar?

-“Não, não pode ser, óh professor, isso são as suas belas teorias, o senhor anda lá na universidade onde se pode dizer tudo e pensar esotericamente, mas bem vê, é preciso ser pragmático, porque os nossos colégios têm de sobreviver...”. Ou seja, eu percebo, a “laranja mecânica” não pode parar. Mas, por este caminho, vamos mesmo parar contra uma parede: um imenso e sorridente ATL municipal!

E admitam comigo: a escola católica em que é que difere da escola estatal? No ar que se respira? Nos crucifixos pendurados nas paredes? Nas cruzes penduradas ao peito? Nas festas e nas missas pelo Natal e pela Páscoa? No nome santo da instituição?

Bom, caros amigos, já chega, não é?

Mas tudo o que eu pudesse aqui dizer, horas a fio, seria pouco para vos alertar para o facto desta escola “laranja mecânica”, de que cada vez mais se cuida nas nossas escolas, ser exatamente a escola de que as sociedades, no futuro, menos precisam para ensinarem e fazerem aprender, para educarem seres autónomos e responsáveis pela sua vida e pela dos outros, sobretudo dos mais necessitados, para ganharem um rosto mais humano.

Sim, se é verdade que o futuro que muitos estão a preparar será um *tempo pós-humano*, como alguns pensadores assinalam, em que o essencial de tudo será robotizado e os seres humanos serão cada vez mais seres sintéticos e ligados a todo o tipo de máquinas, que cada vez mais os dominarão, para usufruírem de todo o tipo de prazeres, gratificações imediatas e desforras. As maiores empresas do mundo é nisto que estão a investir: na aceleração da robotização e na “imortalidade” do ser humano, no referido tempo pós-humano que nem sequer sabemos se ainda poderá ter algo de humano...

A escola, nessa óptica, é esse tempo de preparação para a acomodação e a adaptação a essas tecnologias e a esse modo de vida passivo e aberto de tudo aceitar e fazer, apenas porque “agora é assim”. Sim, se é nesta escola para o *tempo pós-humano* que queremos trabalhar, este é o caminho. Em frente pois, que se faz tarde!

Mas se, por um acaso qualquer, não for essa a vossa ideia, então é mesmo preciso fazer uma grande *metanoia*, uma grande inversão de marcha. Liguem os piscas e comecem a fazer a manobra, porque ela é bastante perigosa (sei que muitos há muito que a estão a fazer e há muito!). E atenção, não vai ser nada fácil, vai demorar muitos anos; só espero que não nos lembremos de mudar a sério a educação escolar apenas quando as instituições caírem de podre, porque aí teremos feito muito mal às novas gerações e cumprido muito mal a nossa missão, humanamente falando.

É mesmo preciso mudar de vida. Porque da formação humana das crianças e dos jovens só cuida quem as ama, antes de mais e como elas são; a separação entre a educação e o amor tem a mesma cor da separação, à nascença, entre uma mãe e o seu filho: provoca a mesma dor e dá o mesmo resultado, ou seja, uma sociedade sem rosto humano, em que o rosto que nos será dado ver revelará uma imensa e gritante dor (como as telas de Münch)!

Promover bons alunos que sejam boas pessoas

Perguntemos então: e os professores das nossas escolas, eles param e pensam o que estão a fazer em termos de formação humana das crianças e dos jovens? Em que tempos comuns no seu horário semanal e para pensar em comum: como é

que eu o estou a fazer? Como é que me articulo e coopero com os colegas para o fazer melhor? O que quero realmente alcançar com o que faço em cada dia e em cada semana de aulas? Que temos de fazer melhor para que os nossos alunos pensem bem e ajam melhor? Queremos promover bons alunos, mesmo que não sejam boas pessoas? E se queremos que eles se des-envolvam como **bons alunos sendo boas pessoas**, o que temos mesmo de fazer de novo?

Mais do que decorar tudo, é preciso pensar tudo criticamente, “de core”. E isso aprende-se, treina-se, mas só se a nossa escola tiver tempo para ensinar a pensar e não apenas para ensinar as crianças e os jovens a repetirem o que lhes ensinam. E como é que isso se faz, hoje, aqui?

Onde fica e qual o lugar efetivo da análise, compreensão e resolução de problemas, da imaginação e da criatividade, o educador estimula a criticidade (P. Freire) e a capacidade de conquista da autonomia progressiva por parte de cada criança e jovem, para cada um saber pensar o mundo em que vive e nele se encontrar, como pessoa, com dignidade? Isso, meus amigos só o faz num ambiente de amorosidade, de amor a toda a hora derramado, mesmo nos momentos em que ensinamos as contas de dividir, as leis da física, o desenho de uma figura, as propriedades do oxigénio ou a crise de 1383-85 ou no momento em que aplicamos uma sanção derivada de uma transgressão.

Eu sei, na cabeça de muitos de vós a questão é esta: como é que a bondade e o amor preparam os alunos para os exames? Pois então, eu devolvo-vos duas questões: quanto tempo da vossa vida profissional como professores foi passado, até hoje, tanto em escolas católicas como em outras escolas, a pensar em grupo (disciplinar ou outro), a saber como é que *em concreto* vamos ensinar e promover em cada aluno a capacidade de pensar criticamente, ou a competência da cooperação, ou a capacidade de iniciativa e a criatividade, ou a competência da bondade e da honestidade, ou a curiosidade permanente e a humildade diante do bem e do belo, ou a capacidade de maravilhamento de que nos falava o escritor V. Hugo Mãe, no texto que vos li, ou ainda a compaixão, o amor ao diferente e o apoio ao desvalido? Quanto do vosso tempo, 2%? 10%? 30%? Por um lado, o tempo-que-marca parece ser o tempo que é deixado ao acaso; por outro lado, o tempo que aplica a transmitir o que se esvai e desaparece, é o tempo em que quase tudo se investe!

Segunda: já pensamos o que é que estamos a promover em termos educativos ao subordinar as aprendizagens, exclusivamente ou em termos quase absolutos, à produção fabril e aos exames¹⁰? Já imaginamos a pobreza que estamos a patrocinar, aplicando os mesmos testes nos países da OCDE (PISA), a milhões e milhões de adolescentes, encurralando-os no mesmo corredor de acesso ao mesmo modo de ver o mundo, de pensar a vida, de trabalhar, de olhar para os problemas? Sim, porque não digamos que este tipo de exames não marca os alunos...e o seu modo de estar na vida e de ser. Eles são preparados por uma

¹⁰ Faço notar que fui eu, enquanto governante, que reintroduzi os exames nacionais no 12º ano, 18 anos depois de terem sido banidos. Por isso, estou mais à vontade para falar deste tema. Reconheço que anos depois, outros governantes inquinaram todo o sistema de ensino, repetindo à exaustão uma prática que é tão relativa e pobre como muitas outras que existem no sistema de ensino. Em vez de prosseguirem o encorajamento da sociedade para o essencial, focaram-se no acessório e até contraproducente. Ficaram a olhar para o dedo, tendo deixado de olhar para a lua. Não havia necessidade!

fábrica escolar que reclama conformidade, adaptação, repetição, competição. Ora, o que os exames e a maioria dos testes não faz é precisamente o que a educação escolar tem de fazer cada vez melhor, no mundo que aí vem: estimular a empatia e a cooperação, *des-envolver* o entusiasmo e a iniciativa, a curiosidade, a motivação e a persistência, a compaixão e o amor pela beleza. E isso faz-se sendo escola, refazendo, na escola, o ser escola.

Muitas famílias de hoje reclamam e precisam de escolas educadoras, e ao fazê-lo precisam também da amorosidade dos profissionais de educação e ensino. É certo, como tenho repetido, que as escolas não substituem as sociedades e muito menos as famílias, mas há momentos de transição cultural em que as escolas não podem abdicar de, **com os pais**, fomentar outro tipo de ensino. Ainda não percebemos isto? Quando os pais confiam (e mal) quase tudo às escolas, mesmo o que não deviam, fugindo às suas responsabilidades próprias, estão a dizer-nos o quê? Estão aflitos, perdidos até. É um sinal, entre muitos outros, de que é preciso mudar de rumo, inverter a marcha e reconceptualizar a instrução e a formação humana no seio da educação escolar e no seio das sociedades e cidades de hoje (já que são efectivamente as escolas, à custa de leis violentas que determinam a vida dos cidadãos, que detêm o “tempo social” dos mesmos).

Alguns dizem-me que isto é a quadratura do círculo. Pois que seja, mas os tempos que hoje vivemos não são para menos.

Há uns vinte séculos, um homem escrevia aos seus amigos de Corinto uma carta muito interessante e muito atual; é verdade que estes seus amigos não eram professores, mas ouçam o que ele diz e vejam se não está escrita mesmo para os professores:

Ainda que eu falasse *todas as línguas* que se falam no mundo e até soubesse a língua dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.

Mesmo que eu tivesse *o dom de ver profundamente o presente e de prever o futuro e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência*; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, não sou nada.

Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria!

O amor é paciente, o amor é bondoso, nele não há inveja. O amor não é orgulhoso, não é arrogante, nem escandaloso.

Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor.

Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade.

Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais acabará. As profecias desaparecerão, *o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará*.

A nossa ciência é parcial, a nossa profecia é imperfeita.

Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá.

(1 Coríntios 13, 1-10).

Repito: o que é que nos fica daquilo que aprendemos na escola? O que é que ficará, no futuro e para a sua vida, agora que a informação pertinente estará disponível em todo o lado, a todos e em segundos, o que é que realmente ficará

de nós na vida dos nossos alunos, nos próximos 30, 50, 60, 80 anos?
Sinto que este meu discurso é esotérico e extra-ordinário e que vivemos num tempo que para muitos é exatamente ao contrário: devemos, diz a maioria, remeter-nos para o que há de mais simples e ordinário. E viver cada hora. Não o creio, este tempo reclama de nós uma intervenção extra-ordinária na educação. Neste tempo em que as crianças e os jovens estão condenadas, para o bem e para o mal, a estar na escola a maior parte da sua vida até aos 20 anos, é preciso que seja a escola a mudar de rumo.

E não me venham com o ME e as suas instruções (que, para este fim, até estão a mudar favoravelmente), com as dificuldades que estes e aqueles nos impõem. Mudem a vossa sala de aula e a vossa escola e deixem de se queixar! Vão ver que não o conseguem fazer sozinhos e que precisam de cooperar com outros professores, uns com os outros, umas escolas com as outras...Enfim, há tanto para fazer e durante tantos anos!

Este meu discurso não colhe, nos dias de hoje; não faz mal; mais uma razão para insistir nele, porque acredito que ele pode abrir as mentes já tão vendidas à tecnologia e aos seus interesses (mesmo sem o sabermos), mentes subordinadas ao egocentrismo, à conformidade com um mundo desigual e injusto, mentes focadas em exames e desfocadas da criança e do jovem concreto que têm diante de si; precisamos de humanizar as escolas, precisamos de muito mais humanidade nas escolas, precisamos de colocar os pequenos gestos humanos de amor antes, durante e depois dos conteúdos científicos e dos artefactos tecnológicos.

Na verdade, ensinamos ciência e tecnologia e não ensinamos humanidade, porque essa disciplina não faz parte do currículo. “Ah, professor, mas atenção, ela está lá sempre, transversalmente, dentro do currículo implícito”. Pois é, transversalmente quer dizer isso mesmo, bem deitada e a dormir. Meus amigos, como o nosso povo diz, de boas intenções está o inferno cheio.

Temos mesmo de mudar de rumo. A manobra é perigosa, mantenhamos os quatro piscas ligados, enquanto invertemos a marcha! De uma coisa podemos estar absolutamente seguros: o amor de Deus nunca nos abandonará!

Obrigado pela vossa atenção.

Joaquim Azevedo
Porto, março de 2014.
Porto, março de 2015.